

A AMAZÔNIA MARAJOARA EM RELATOS:
As Narrativas Sobre a Flora nos Relatos de Viajantes do Século XIX.

Lucas Monteiro de Araújo*
Agenor Sarraf Pacheco**

Breves Palavras

A leitura dos textos dos viajantes, em especial aquelas páginas dedicadas aos registros de narrativas sobre a região marajoara, trouxeram à tona uma pluralidade de maneiras de ver, escrever e representar¹ o Arquipélago, suas gentes e paisagens. Brotam das folhas dos livros descrições sobre uma natureza exuberante, com densas florestas e grandes campos alagadiços que recobrem o território marajoara.

Percebemos três olhares que foram lançados sobre a flora pelos homens das letras: o olhar científico, o romantizado e o mercantilista. Propomos analisar neste ensaio estas visões lançadas sobre a natureza nos relatos dos viajantes para responder questões como: Quais aspectos da flora são destacados nos relatos dos viajantes? O que se pode apreender a partir dos aspectos destacados?

Desde os primeiros momentos da chegada dos europeus ao território nacional, fundou-se uma imagem popularmente disseminada de Brasil como aquela descrita pelos reverendos norte-americanos Daniel Kidder e James C. Fletcher:

The popular notion of Brazil is, to a certain extent, delineated in the accompanying side-illustrations. Mighty rivers and virgin forests, palm-trees and jaguars, anacondas and alligators, howling monkeys and screaming parrots, diamond-mining, revolutions, and earthquakes, are the component parts of the picture formed in the mind's eye. It is probably hazarding nothing to say that a very large majority of general readers are better acquainted with China and India than with Brazil. How few seem to be aware that in the distant Southern Hemisphere is a stable constitutional monarchy, and a growing nation, occupying a territory of greater area than that of the United States [...] (FLETCHER & KIDDER, 1879, p. 3)².

¹ Para Hall (2016) a representação é um campo de produção cultural pelo pluriverso da linguagem como produtora de significados compartilhados em lugares e tempos geohistoricamente situados. Os regimes de representação revelam-se como regimes de poder hierarquizador, racista, classificatória, patriarcal. Os regimes de representação, em última guinada, assinala o pesquisador jamaicano, construíram o outro como ser impossível de existência, de história, agência e capacidade de construir civilizações no planeta.

*Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará.

**Doutor em História Social da Amazônia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor Adjunto III da Universidade Federal do Pará.

² Em tradução livre do autor: “A noção popular do Brasil é, em certa medida, delineada nas ilustrações que acompanham ao lado. Poderosos rios e florestas virgens, palmeiras e onças, sucuris e jacarés, macacos uivantes e papagaios barulhentos, exploração de diamantes, revoluções, e terremotos, são as peças que compõem a imagem

Este excerto extraído do prefácio da obra *Brazil and the Brazilians* mostra uma terra rica em fauna e flora, com florestas virgens que, ao mesmo tempo em que era edenizada por sua beleza, também era demonizada por “bestas” que a habitavam (anacondas, jacarés, morcegos sanguinários).

A atração de grande parte dos viajantes para as terras brasileiras foi balizada por estas imagens do “selvagem”, “exótico”, forjadas historicamente no imaginário popular europeu que ensejavam ao mesmo tempo um misto de desejo de aventura, aliado a uma busca pela classificação e organização do mundo natural, mas também um deleite romântico frente as belezas naturais.

Como fica claro, a natureza toma lugar central nas narrativas de viagens do século XIX, porém, esta centralidade não é algo relativo somente à literatura de viagem oitocentista. Como argumenta Pratt (1999, p. 59), na realidade fauna e flora “[...] haviam sido componentes convencionais dos livros de viagem pelo menos desde o século XVI”. O grande motim que se firma neste momento é o projeto de classificação global, ensejado ainda no século XVIII, principalmente com a obra de Carl Linée *Systema Naturae*, que almejava a formatação de um sistema para a classificação universal e que no século XIX ganha força com as obras dos viajantes naturalistas.

A história natural suscitou, então, uma visão na qual o viajante era o ordenador de um mundo caótico, desorganizado, não classificado e, por conseguinte, desconhecido.

Os sistemas classificatórios do século XVIII suscitaram a tarefa de localizar todas as espécies do planeta, extraíndo-as de seu nicho arbitrário, particular (o caos) e colocando-as em seu posto apropriado no interior do sistema (a ordem – livro, coleção ou jardim), junto a seu recém criado nome secular europeu.” (PRATT, 1999, p. 66).

Assim, o aparecimento de densas e grandes narrativas científicas em um primeiro momento enquadrava-se neste afã classificatório e de uma (re)descoberta do mundo natural aos olhos do cientista europeu.

Por outro lado, são comuns também as narrativas romantizadas sobre a natureza, onde o viajante mais parecia querer “pintar os trópicos com palavras” (DEWULF, 2005) do que

formada no olho da mente. É provavelmente estar arriscando nada a dizer que uma grande maioria de leitores em geral estão mais familiarizados com a China e Índia do que com o Brasil. Quão poucos parecem estar cientes de que no remoto hemisfério sul é, uma monarquia estável constitucional, e uma nação em crescimento, ocupando um território de maior área do que a dos Estados Unidos.”

realmente descrever cientificamente o que via. De fato, os relatos de viagem, desde o século XVIII, ganharam fortes inclinações românticas. Através de nomes como Goethe, Schiller e mais tarde Hulbodt, que, apesar da cientificidade e rigor nos métodos empregados em sua viagem, não excluiu dos relatos percepções e sensações próprias.

É importante dizer que aqui partimos do entendimento de natureza enquanto fenômeno total, indivisível, ininterrupto, contínuo, completo enquanto uma unidade (SIMMEL, 2009). Fauna, flora, rios, etc. não são/estão separados nas narrativas, são relatados conjuntamente, fazem parte de uma mesma natureza una, conjunta, unitária. Ao propormos analisar apenas uma de suas representações, a flora, tirando-a de um nicho total e analisando-a em sua individualidade, temos ciência do desafio imposto. Mas é válido pensar que mesmo separadas, estas representações da natureza carregam consigo as marcas da unidade, assim, estudando um de seus aspectos, também estamos, de certa forma, estudando um todo unitário.

Narrando a Paisagem: relatos sobre a flora

Luxuriante, romântica, magnífica, fantástica, prodigiosa, narcótica, sedutora, variada, enfeitada, linda, perfeita, espetacular, paradisíaca, bela, imponente, extraordinária. Mas também, monótona, quieta, sombria, solitária, misteriosa, escura, triste, estéril, virgem, silenciosa e selvagem. Todos estes adjetivos foram tirados dos diversos textos de viajantes do século XIX e dizem respeito à natureza, em sua expressão na flora da Amazônia Marajoara.

Estas formas de ver e narrar a natureza por homens das ciências no século XIX foram construídas em bases dualistas, antagônicas, opostas. Márcia Naxara (2004, p. 34) argumenta nesta direção que “A forma como se viu e interpretou, tanto a natureza quanto a civilização esteve frequentemente carregada por significativos sentidos de dubiedade e ambivalência [...]”.

Neste cenário, percebemos que a flora amazônica, apesar de ser um dos grandes atrativos para viajantes naturalistas e seu afã de classificação, bem como por suas belezas e características peculiares que são narradas romanticamente nos livros, também foi relatada com olhares críticos. Nem toda a flora, nem toda árvore, nem toda planta era bonita, nem toda mata era luxuriante, pântanos, como os dos entornos das cidades de Breves e Gurupá, são frequentemente associados a doenças, a insalubridade, a pestes, febres intermitentes, bem como as *baixas*, ou seja, pequenas poças de água que se mantinham nos campos após as águas dos

rios baixarem, são vistas como obstáculo ao desenvolvimento econômico da região, por não permitirem a pastagem do gado.

Estes olhares lançados sobre a flora também se somam ainda a uma visão econômica. O viajante visualizava as potencialidades econômicas do que via: a quantidade de madeira que se podia extrair, o uso de especiarias e frutos da floresta como a salsaparrilha e o cacau, que figuravam no topo da lista dos produtos mais comercializados na região de florestas da Amazônia Marajoara principalmente na primeira metade do século XIX, e já na segunda metade ganha importância a seringueira, com a extração do látex.

Paralelamente, a flora Amazônica também entra em evidência a partir da formação de uma imagem de tropicalidade do território nacional, assim, dentre todos os tipos de árvores que aparecem nos relatos sobre as florestas, a mais destacada, a que mais chama a atenção, é a palmeira. Neste sentido defendem Aragão & Junior (2010, p. 435) que os viajantes “[...] eram europeus e um de seus objetivos era retratar o Brasil para os seus compatriotas, revelando suas paisagens e suas riquezas”. Por isso, na visão dos autores, a necessidade de incluir elementos que indicassem a tropicalidade do lugar. Em escala menor, mas também dentro desta ideia de zona tropical, a bananeira também é relatada nas matas da região marajoara.

Todas estas visões lançadas sobre a flora amazônica se somam aquela mais proeminente: a taxonômica. Em quase todos os relatos, mesmo daqueles viajantes que não são naturalistas, botânicos ou de outro ramo das ciências naturais, as descrições científicas - categorizadas de acordo com o sistema de Linéu – pululam dos escritos.

Este foi o caso, por exemplo, da missão austríaca, da qual fez parte o botânico von Martius, que produziu umas das maiores obras sobre a flora brasileira. Com um total de 15 volumes, divididos em 40 partes, o livro *Flora brasiliensis* foi produzido num período total de 66 anos, iniciando em 1840 e findando em 1906, várias mãos ajudaram na escrita iniciada por Martius, que deu tratamento taxonômico a mais de 20 mil espécies de árvores brasileiras (MEIRELLES FILHO, 2009).

Ao estudar estas narrativas, percebemos que a Amazônia representava aos olhos destes viajantes um mundo desorganizado e desordenado, fato que direciona a escrita de uma constante análise científica. Argumenta Karen Lisboa (1997, p. 87) que:

[...] a “estranha” natureza dos trópicos brasileiros era objeto de obstinada pesquisa científica, dissecado sistematicamente pelo crivo da história natural. [...] A natureza do Novo Mundo estava sendo nomeada e paulatinamente catalogada,

perdendo sua estranheza ao ser transcrita nos compêndios da flora e da fauna universal.

Ao lançarem olhares para a natureza, e aqui em especial a flora da região, o que o estrangeiro via era o “estranho”, o “exótico”, o “diferente”, o “desconhecido”. O casal Agassiz, ao passar pelo Arquipélago do Marajó, comenta sobre esta estranheza: “atravessando este arquipélago, é um encanto para nós contemplar essa vegetação estranha com que teremos ainda de nos familiarizar.” (Agassiz & Agassiz 2000:164). Nestes termos “familiarizar” também é sinônimo de estudar, classificar, ordenar, como fica claro em outro trecho da narrativa: “Há, todavia, uma profusão de outras árvores, cujos nomes até agora desconhecemos, muitas das quais, suponho, não pertencem ainda a nenhuma nomenclatura botânica.” (Idem, p. 166).

Era preciso trazer a “luz” o desconhecido, o caos em que se achava a natureza da Amazônia por não estar inserida em nenhum modelo de classificação precisava ser ordenado, organizado, conhecido cientificamente. Era preciso traduzir a literatura simples e oral para o cidadão e letrado (NAXARA, 2004, p. 34), para isso é necessário o “batismo”, seu nome científico. Este nome científico seguia, sempre que disponível, o nome popular da planta. Ainda tomando a narrativa do casal Agassiz (2000, p. 167), dizem:

Conservamo-nos hoje tão perto das margens, que quase pudemos contar as folhas das árvores, e tivemos excelente oportunidade para estudar as várias espécies de palmeiras. A princípio a mais freqüente era a Açaí, porém agora se confunde no número das outras. A Miriti (*Mauritia*) é uma das mais belas, com seus cachos pendentes de frutos avermelhados e suas enormes folhas abertas, em forma de leque, cortadas em fitas, cada uma das quais, na opinião de Wallace, constituindo a carga de um homem. A Jupati (*Rhaphia*), com suas folhas em forma de plumas, às vezes de 40 a 50 pés de comprimento, parece, por causa do seu caule curto, brotar quase do solo. O seu porte, semelhante uma jarra, é particularmente gracioso e simétrico. A Buçu (*Manicaria*), com folhas rígidas e inteiriças, de 30 pés de comprimento, mais erectas e fechadas no seu modo de crescimento, e serrilhadas nos bordos. O caule dessa palmeira é relativamente curto. As margens desse trecho do rio são geralmente ornadas por duas espécies vegetais, formando algumas vezes uma como que muralha ao longo da praia; por exemplo, a Aninga (*Arum*), com suas folhas largas, cordiformes, em cima de grandes caules, e a Murici mais baixa, justamente à beira d’água.

Na apresentação da flora amazônica o Mirití vira *Mauritia*, a Jupati se transforma em *Rhaphia*, Buçu em *Manicaria*, Aninga vira *Arum*, assim como uma série de outras plantas e animais que agora passam a existir oficialmente com nome e sobrenome cientificamente reconhecidos. Neste cenário, a nomeação científica e a classificação podem ser inseridos dentro

de um contexto de dominação do mundo desconhecido através da inserção em um modelo sistêmico universal de conhecimento (NAXARA, 2004).

Um destaque merece ser dado aqui: a forte presença das palmeiras nas descrições. De fato esta não é uma característica presente somente nos relatos do casal Agassiz, mas sim da grande maioria dos viajantes que excursionaram pela região marajoara. A presença destas árvores em especial alinha-se com a representação de uma tropicalidade do território nacional. Como argumentam Sandeville & Aragão (2010, p. 435):

Na literatura brasileira do oitocentos, o Brasil é muitas vezes caracterizado por meio de elementos que indicam sua tropicalidade. É a terra das palmeiras, dos coqueiros, dos bosques verdejantes, da luz, do céu azul, dos laranjais e bananeiras, dos bem-te-vis e sabiás. Constata-se uma intenção de valorização da natureza local e a busca de uma nacionalidade – ainda que muitas vezes os elementos empregados não sejam de fato nativos, como as laranjeiras originárias da Índia e as bananeiras, de origem asiática.

Indo nesta direção, John Warren, em viagem pela região central do Arquipélago do Marajó, narra: “found the grove well supplied with various kinds of fruits, principally oranges, bananas, and guavas!”³ (WARREN, 1851, p. 181). É curioso notar que, apesar de os bosques serem supridos com vários tipos de frutas, as que são destacadas são justamente aquelas que Sandeville e Aragão dizem se associar a uma ideia de tropicalidade.

Esta expressão de terra tropical ancorada nestes elementos provém de uma formação imagética nacional tecida ao longo de vários séculos desde a chegada do europeu na América. Sandeville & Aragão (2010) mostram que tais expressões foram promulgadas tanto na pintura, quando na fotografia e na literatura durante todo o século XIX. Dando ênfase a forte presença das palmeiras, estes autores expõem a necessidade de se incorporar estes símbolos as representações do território nacional, mesmo muitas vezes havendo a sobreposição da verossimilhança, como no exemplo dos trabalhos do pintor francês Rugendas, que teve seus desenhos de campo modificados pelos gravadores europeus no processo editorial para a inserção do elemento marcador do tropical nas gravuras que seriam impressas no livro do artista.

É nestes termos que Gombrich (1986, p. 74) vai argumentar que o “artista tende, conseqüentemente, a ver o que pinta ao invés de pintar o que vê”. Tomando esta ideia, podemos

³ Em tradução livre do autor: Encontrou o bosque bem suprido com vários tipos de frutas, principalmente laranjas, bananas, e goiabas.

perceber que o olhar que era lançado pelo viajante sobre a natureza era aquele direcionado para a identificação e registro de certos elementos que ratificavam uma imagem já consagrada sobre o Brasil, como no caso da palmeira, bananeira ou bem-te-vis e sabiás que remetiam a ideia de tropicalidade.

Outrossim, notamos que havia um transitar constante entre a ciência - com suas descrições científicas, medições, registros, catalogações, coletas e ordenamentos – e o sentimento, ensejado principalmente pelas características da natureza da região Amazônica. A sensibilidade romântica frente a natureza merece destaque pois, na mesma medida em que a descrição taxonômica, também tem grande profusão entre os viajantes.

Aqui as palmeiras também tem protagonismo. De fato, estas árvores, além estarem ligadas a esta ideia de tropicalidade (ou talvez por conta de estarem atreladas a esta imagem) também despertavam uma visão idealizada da paisagem, elas coroavam a cena vista e relatada com sua beleza e superioridade. Herbert Smith, no livro *Brazil, the Amazons and the Coast* (1879), declara:

Any one who is not blind must feel his soul moved within him by the marvellous beauty of the vegetation. Not a bit of ground is seen ; straight up from the water the forest rises like a wall—dense, dark, impenetrable, a hundred feet of leafy splendor. And breaking out everywhere from among the heaped-up masses are the palm-trees by thousands. For here the palms hold court ; nowhere else on the broad earth is their glory unveiled as we see it ; soft, plummy *Jupatis*, drooping over the water, and fairy-light *assaís* and *bussús* with their light green, vase-like forms, and great, noble, fanleaved *miritis* looking down from their eighty-feet high columns, and others that we hardly notice at first, though they are nobles in their race. If palms, standing alone, are esteemed the most beautiful of trees, what shall we say when their numbers are counted, not by scores, nor hundreds, but by thousands, and all in a ground-work of such forest as is never seen outside of the tropics? The scene is infinitely varied; sometimes the palm-trees are hidden, but even then the great rolling mass is full of wonderful changes, from the hundred or more kinds of trees that compose it; and again the palms hold undivided sway, or only low shrubs and delicate climbing vines soften their splendor. (SMITH, 1879, p. 80-82)⁴.

⁴ Em tradução livre do autor: Qualquer um que não seja cego deve sentir a sua alma movida dentro de si pelas belezas admiráveis da vegetação. Nem um pouco do solo é visto; direto de cima da água a floresta se ergue como uma parede – densa, escura, impenetrável, uma centena de pés de esplendor frondoso. E irrompendo em todo canto do meio das massas amontoadas estão palmeiras aos milhares. Por aqui as palmeiras são o centro da atenção; em nenhum outro lugar em toda a terra a sua glória está revelada como a vemos; suaves, plumosas *Jupatis*, caindo sobre a água, e *açaís* e *bussús* de brilho mágico com seu verde claro, formato tipo vaso, e grande, nobre, frondoso leque de *miritis* olhando para baixo das suas colunas de oitenta pés de altura, e outras que dificilmente nós notamos primeiro, embora elas sejam nobres em suas raças. Se palmeiras, estando sozinhas, são consideradas as mais bonitas das árvores, o que devemos dizer quando seus números são contados não por dezenas, nem por centenas, mas por milhares, e todas em uma base de tal floresta como nunca é visto fora dos trópicos? A cena é indefinidamente variada; algumas vezes as palmeiras estão escondidas, mas mesmo assim a grande massa ondulada é cheia de maravilhosas mudanças, das centenas ou mais tipos de árvores que a compõem; e novamente

Note-se que na visão deste viajante a palmeira é considerada por si só a mais bonita das árvores, a descrição se torna quase que impossível frente as variadas espécies e a contagem de milhares de árvores desta família na paisagem. Esta grande quantidade de palmeiras chama também a atenção, pois, como comenta James Orton (1870, p. 233) “trees of the same order are seldom associated.”⁵ Kury (2001) argumenta a este respeito que a floresta tropical é caracterizada por vegetais não sociáveis, ou seja, uma grande variedade de espécies em uma mesma paisagem, ao contrário de certas partes da Europa, na qual se destacam florestas inteiras de pinheiros, por exemplo, um vegetal sociável. Desta forma, ao se deparar com o cenário de uma “floresta de palmeiras” o que se observa é a raridade de uma união da mais bela flora.

Dentro deste quadro, não é raro encontrar tão logo se abre os livros dos viajantes, a imagem que antecede ou as vezes que divide página com o próprio título da obra ser a de uma palmeira. Este é o caso, por exemplo, da primeira edição do livro do casal Agassiz, cuja imagem do *cocoeiro* é a primeira visão que temos ao abrir seu livro.

Enfim, de fato a palmeira se destaca, carrega consigo o marcador não só do simbolismo tropical, mas também uma ideia de superioridade frente as outras árvores. Mesmo em relatos mais gerais da paisagem elas se sobressaem, estas árvores não são ordinárias, se diferenciam das demais e tomam posição diferente na narrativa, existem as árvores comuns, ou seja, todas as outras árvores da floresta e em um grau diferente figuram as palmeiras. Assim atesta o viajante Henry Bates, que diz: “A muralha de árvores (estou citando meu diário) junto à qual passamos no momento consiste de uma grande variedade de árvores comuns da floresta, além das palmeiras.” (BATES, 1979, p. 96).

Por ser caracterizada por uma grande profusão de espécies vegetais, ou vegetais não sociáveis como diria Kury, aliada a mudanças constantes nos rumos tomados pelos barcos devido a sinuosidade dos rios, a paisagem amazônica se mostrava sempre mutante, fato que tornava a viagem, ao olhar do viajante, sempre interessante e nunca monótona. Assim admite Wallace: “O encanto da paisagem ainda mais se realçava pelo rio, todo cheio de curvas, ora para um lado, ora para outro, trazendo sempre à vista uma constante mutação de cenários.” (WALLACE, 2004, p. 135). O mesmo constata o artista francês Biard: “Não tinha motivos de

as palmeiras mantém um balanço não dividido, ou somente arbustos baixos e delicadas trepadeiras suavizam seu esplendor.

⁵ Em tradução livre do autor: árvores da mesma ordem se associam raramente.

queixas: a cada instante o cenário mudava diante de meus olhos; desenrolavam-se panoramas variados e sempre novos.” (BIARD, 2004, p. 151). Em sentido similar, o casal Agassiz argumenta: “Ouvimos dizer muitas vezes que a viagem subindo o Amazonas é monótona; a mim, no entanto, parece delicioso marginalizar essas florestas, de aspeto tão novo para mim [...]” (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p. 167).

Frente a este cenário de encanto, com uma vasta variedade da flora, a busca pela tradução do que se está vendo as vezes pode ser melhor expressada em forma de descrições romantizadas, pois possibilitam o relatar dos sentimentos que o viajante sente diante daquele quadro.

Ao adotar este caráter literário o viajante não quer somente descrever o que está vendo, ele quer passar o sente, que expressar as sensações de estar diante da tão idealizada “natureza selvagem”. Neste sentido Avellar (2007, p. 6) defende que a literatura é uma “organização polifônica capaz de expressar adequadamente como pensamos e sentimos o mundo”.

Pululam dos textos adjetivações, sensações, estados de espírito que movem o homem das letras do pedestal de sua objetividade e rigor científico para o campo da subjetividade, dos sentimentos expressos em linhas românticas. Herbert Smith no excerto acima relata, ao passar pelos estreitos de Breves, que qualquer um que não seja cego sente sua alma movida diante dos quadros admiráveis da vegetação, coroada com a presença de milhares das mais belas árvores, as palmeiras.

Estes encantos com a flora marajoara são frequentemente traduzidos em frases como “Fiquei deveras encantado ante a beleza da vegetação. Esta ultrapassava tudo o que eu até então tinha visto” (WALLACE, 2004, p. 134); “A mata era extraordinariamente variada” (BATES, 1979, p. 96); “Jamais esquecerei este passeio, tanto mais encantador quanto menos previsto” (AGASSIZ & AGASSIZ, 2000, p. 172) ou ainda “Acredito não existir no resto do mundo viagem mais agradável do que essa que vinha realizando” (BIARD, 20004, p. 150).

Estes olhares maravilhados chegavam mesmo a promover as vezes aproximações entre a visão de um paraíso terrestre, ideia gestada desde os primeiros momentos da chegada do europeu na América, com a Amazônia. É remontando as palavras proferidas já em 1504 por Américo Vesputio que o Barão de Santa-Anna Nery traz a tona este juízo, diz ele: “Et, s'il y a

un paradis terrestre en ce bas monde, sans aucun doute il doit être situé pas bien loin de ces sites.”⁶ (NERY, 1899, p. 24).

Ainda neste sentido é que Herbert Smith (1879) vai defender a criação e cuidados divinos da flora da região marajoara, o autor diz precisar ser tenro com as plantas, pois “there must be a higher power than mine watching over them”⁷ (p. 95), a este poder ou força maior as plantas “fold their hands and bow their heads in silent prayer”⁸ (p. 95).

Por sua vez, o viajante John Warren comenta em passagem pela região marajoara: “In the afternoon, the magnificent island of Marajo was distinctly visible, and seen through a strong spy-glass which we had taken the precaution to bring with us, it seemed to realize all our brightest dreams and imaginary conceptions of a terrestrial paradise!”⁹ (WARREN, 1851, p.113).

Naxara (2004, p. 77) sintetiza bem estes quadros ao dizer que:

No século XIX, a natureza, seus elementos, recantos, arranjos e paisagens, constituíram lugar exemplar para a expressão dos sentimentos e emoções dos homens, na sua mais ampla gama de intensidades e possibilidades. Sua capacidade de renovação incessante, os mistérios que esconde em seus recônditos, a inacessibilidade ao seu todo que tudo abarca, torna-a fonte inesgotável de prazer, assombro e deleite da parte dos homens. Sentimentos, emoções e paixões vivenciados e expressados das mais diversas formas, nem sempre claras e cristalinas.

As percepções e descrições da flora marajoara quase sempre estiveram ligadas a este aspecto idealizado, romantizado, pitoresco. Contudo é importante ajuizar que, como chama atenção Kury (2001), o emprego desta forma de expressão nos relatos de viagem não deve ser entendido enquanto antagônico do modo científico de relatar, em suas palavras “a ciência deveria buscar descrever a totalidade de elementos que atuavam em um fenômeno local.” (p. 870), ou seja, as sensações, as emoções, os sentimentos do viajante eram também instrumentos da ciência e deveriam ser registrados. No quadro desta “ciência romântica de matriz humboldtiana” a sensibilidade do viajante é importante “na medida em que dota alguns

⁶ Em tradução livre do autor: E se há um paraíso terrestre neste mundo baixo, sem nenhuma dúvida ele deve não estar situado muito longe muito longe destes locais.

⁷ Em tradução livre do autor: Deve haver um poder maior que o meu cuidando delas.

⁸ Em tradução livre do autor: Pregam suas mãos e curvam suas cabeças em oração silenciosa.

⁹ Em tradução livre do autor: A tarde, a magnífica Ilha do Marajó estava distintamente visível, e vista através de uma potente luneta que nós tivemos a precaução de trazer conosco, ela parecia realizar todos os nossos mais brilhantes sonhos e concepções imaginárias de um paraíso terrestre.

indivíduos da capacidade de perceber as forças que atuam na natureza e de transmitir as sensações vividas.” (p. 870).

Se por um lado a natureza, e em especial a flora, com suas belas palmeiras, era cenário de deleite, por outro nem toda a natureza, nem toda a paisagem, nem toda flora era bonita, existiam aqueles cenários que remetiam a ideias detratoras, como é o caso dos pântanos, ligados frequentemente a febre amarela, ou as trepadeiras, associadas as pragas da flora.

Alfred Wallace (2004, p. 137), em excursão a ilha Mexiana, no Arquipélago do Marajó, nos dá uma ideia do contraste entre a as florestas e os pântanos:

Maior não poderia ser o contraste das cenas, que tínhamos acabado justamente de deixar, como a que agora estávamos entrando.
Uma era de luxuriante verdura e outra de aspecto tão triste e tão estéril, quanto pode ser um triste e assolado pântano.

Florestas são luxuriantes, belas, encantadas, já os pântanos perpassam, na visão do naturalista, a ideia de esterilidade, falta de vida, tristeza, um local assolado. Muito desta visão contrária aparece nos relatos da segunda metade do século XIX, principalmente naqueles que as vilas de Breves e Gurupá são visitadas, constatando-se que são afligidas por febres intermitentes que tem suas causas ligadas aos pântanos e inundações das regiões insalubres que as circundavam.

Na realidade, o aspecto geral relatado de grande parte da região marajoara é caracterizado por costas baixas e pantanosas, no caso da parte oeste e sudoeste do arquipélago, bem como também tratos pantanosos que correm no seu centro. Assim, tanto a região de campos, quanto a de florestas possuem esta característica. Estes pântanos na região de campos são popularmente chamados de *baixas*, já na região de florestas são denominados *igapós*, existem ainda os *mondongos*, que são *baixas* que ocupam grandes extensões nos campos da região central do Arquipélago (Penna 1971; Edwards 1861).

Esta detração da imagem dos pântanos, como dito, está ligada a associação feita com a ocorrência da febre amarela e do ar de insalubridade que passavam estes cenários. Na realidade, estas moléstias afetavam não somente a imagem destas paragens, mas também de todo o território nacional, que para o público europeu era visto como uma terra de enfermidades e perigos a saúde.

Assim atesta o artista francês Biard, que logo no início de sua narrativa da viagem que fez ao Brasil relata os comentários feitos por seus conterrâneos ao saberem que este viajante

viria para nosso país. Em uma das passagens ele transcreve o comentário de um de seus amigos: “Meu caro amigo, diga-me, por favor, como lhe nasceu essa idéia de ir ao Brasil? Não sabe ser uma terra muito insalubre? A febre amarela, ali, é endêmica e dizem mais que as cobras, das mais venenosas, matam qualquer criatura em poucos minutos” (BIARD, 2004, p. 11).

Além desta visão ligada as enfermidades, os pântanos também são mal vistos por serem entrepostos ao desenvolvimento econômico quando ocupam local que poderia servir de pasto para o gado ou áreas que poderiam ser utilizadas para plantações.

Aqui reside o ultimo dos olhares: o mercantilista. Brotam dos textos análises das produções econômicas da região, com destaque, no reino da flora, para a coleta das drogas do sertão e para o extrativismo da borracha, e a criação de gado, no mundo animal. Estes viajantes consideram os Marajós como o “território mais produtivo da Província” (DENIS, 1839, p. 202), mas ao mesmo tempo tecerem severas críticas aos modelos de exploração adotados, pois, em sua ótica, não atendem as reais possibilidades que o Arquipélago pode oferecer.

O que na realidade se percebe é um embate de concepções, pois estes homens das letras provinham de uma tradição que prezava por um estabelecimento físico em um pedaço de terra, que deveria ser adolecido principalmente através da agricultura, enquanto que na Amazônia Marajoara o modelo extrativista, representado na prática da coleta das drogas do sertão e da borracha, não promulgava esta ligação com a terra, pois o seringueiro explorava grandes áreas, mas sem estar ligado a ela, haja vista que as árvores que *sangrava* estavam dispersas nas florestas.

As críticas a economia polarizada na criação de gado e no extrativismo gomífero surgem logo nas primeiras décadas do século XIX. Spix e Martius (1981, p. 77) vão comentar:

Quantos prazeres, entretanto, não forneceria esta região, como toda a Ilha de Marajó, a habitantes que soubessem utilizar-se da natureza exuberante! Numa latitude tão privilegiada, quase exatamente abaixo do equador, pode Marajó dar quase todos os produtos coloniais das zonas mais quentes, mas a incrível facilidade com que gado e cavalos, aqui introduzidos, se multiplicaram, quase sem cuidado algum dos colonos, foi motivo de negligenciar a fertilidade da terra e fazer da criação de gado, até aqui, a única indústria explorada.

Já na segunda metade do século XIX William Scully (1866, p. 273) também deixa sua impressão sobre o comércio:

Its soil is exceedingly rich, and, favoured by the equability of the climate, which limits the time of seeding to no special season, produces three crops in the year.

The surface is generally covered with splendid forests of excellent timber, and with trees and plants whose products are valuable in arts, medicine, and commerce, such as indiarubber, cocoa, castanhas de Para, or Para nuts, sarsaparilla urucu, oil of capaiva, tapioca, rice, millet, cotton, sugar cane, indigo, vanilla, ginger, jalap, ipecacuanha, cassia, cloves, pepper, &c., &c., with an innumerable variety of fruits and flowers. But, until lately, the scantiness of the population and this overflowing abundance of its spontaneous resources, prevented the development of its agriculture, by the indolence, which the ease of procuring their livelihood induced among the peasantry.¹⁰

Estes excertos na realidade resumem em grande parte a visão destes estrangeiros no que tange a exploração dos recursos naturais da região, para eles a terra era fértil e produtiva, mas as indústrias ali estabelecidas não se aproveitavam desta fecundidade para desenvolver a agricultura, mas sim outras indústrias que de fato não exploravam as potencialidades totais da terra. Além, as facilidades e abundâncias que a região dava fizeram com que o habitante local se tornasse “indolente” com o desenvolvimento da agricultura.

Este olhar voltado para o econômico ou utilitário pode ser enquadrado na perspectiva de Paula Monteiro (2006) quando diz que estes textos de viajantes eram instrumentos de ordenação do mundo nativo, assim, tendiam a buscar incorporar o que viam em uma órbita do Estado, ou mais ainda, em uma ótica de pensamento capitalista ocidental de exploração dos recursos.

Ilka Boaventura Leite (1996) argumenta que pensar esta presença do olhar econômico nos relatos é também pensar as viagens como “fruto das exigências impostas pela expansão do capitalismo” (p. 40), assim, desvelar as reais potencialidades das terras nacionais também se mostrou como um interesse que condicionou a escrita destes viajantes. Mais além, esta autora defende pensarmos que quem financiava as expedições eram governos, através das Academias de Ciências, além de alguns comerciantes europeus interessados no comércio com o novo mundo, o interesse em se pensar este viés econômico, tanto para comprar, quanto para vender produtos se justificava. Um claro exemplo foi a prevalência de escritores ingleses, para quem os portos estavam abertos desde a chegada da Família Real, nas primeiras décadas do século XIX que, além dos interesses científicos, também escreviam sobre as riquezas passíveis de

¹⁰ Em tradução livre do autor: O solo é geralmente coberto com esplendidas florestas de excelente madeira, e com árvores e plantas das quais os produtos são valiosos na arte, na medicina, e no comercio, tal como borracha dos índios, cacau, castanhas do Pará, ou nós do Pará, urucu salsaparrilha, óleo de copaíba, tapioca, arroz, painço, algodão, cana de açúcar, índigo, baunilha, gengibre, jalapa, ipecacuanha, cassia, cravos, pimenta, &c., &c., com incontável variedade de frutas e flores. Mas, até recentemente, a escassez de população e esta abundancia de seus recursos, preveniu o desenvolvimento de sua agricultura, pela indolência, que a facilidade de obter seu sustento induzida entre os camponeses.

exploração do Brasil, bem como analisavam quais produtos poderiam ser melhor introduzidos no mercado nacional baseados nos modos de vida dos grupos com que conviviam.

Nesta mesma direção, Naxara (2004) vai argumentar que a própria coroa portuguesa também incentivou estudos sobre a natureza do Brasil através das viagens filosóficas, como a de Alexandre Rodrigues Ferreira, ou estudos como aqueles de Ferreira Penna, que objetivavam, além da ampliação dos conhecimentos do território nacional, analisar esta natureza em uma perspectiva utilitária, tendo em vista a manutenção de um Império que se formaria com Brasil e Portugal.

Destarte, o que se constata é um olhar também voltado para o econômico por partes destes homens das letras, em grande parte guiados por interesses comerciais de potências europeias. Este olhar tendia a ordenar o mundo de acordo com modelos ocidentais capitalistas de exploração da natureza, marginalizando interações outras que não aquelas aprovadas por este olhar (des)ordenador.

REFERENCIAS

AGASSIZ, Jean Louis Rodolph; Agassiz, Elizabeth Cabot. 2000. **Viagem ao Brasil 1865-1866**. Brasília: Editora do Senado Federal. 2000.

ARAGÃO, Solange de; JÚNIOR, Euler Sandeville. Expressões de tropicalidade na pintura dos viajantes, na fotografia de paisagens e na literatura brasileira do século XIX – contrapondo olhares. In. **VI EHA - Encontro de História da Arte – UNICAMP**. 2010, p. 434-444.

AVELLAR, José Carlos. **O chão da Palavra: cinema e literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: ROCCO, 2007.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Belo Horizonte: editora Itatiaia. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1979.

BIARD, Auguste François. **Dois Anos no Brasil**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

DENIS, Ferdinand. **Histoire et Description de Tous les Peuples, Brésil**. Paris: Firmin Didot Frères, 1839.

DEWULF, Jeroen. Pintar os Trópicos com Palavras. Homem, Rui Carvalho. Lambert, Maria de Fátima. Organização. **Olhares e Escritas**. Ensaio sobre Palavra e Imagem, Porto: FLUP e-DITA, 2005, p.235-246.

EDWARDS, William H. **A voyage up the river amazon including a residence at Pará.** London: John Murray, 1861.

GOMBRICH, E. H. **Arte e Ilusão:** Um estudo da representação da psicologia pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação.** Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuru, 2016.

KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James Cooley. **Brazil and the Brazillians.** Boston: Little, Brown and Company, 1879.

KURY, Lorelai B. A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo na Viagem ao Brasil. In. **Revista Brasileira de História** 41 (21), 2001, p.157-172.

_____. Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. In. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos** (8) 2001, p. 863-880.

LEITE, Ilka Boaventura. **Antropologia da Viagem.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LISBOA, Karen Macknow. **Viagem pelo Brasil de Spix e Martius.** Revista Brasileira de História 29 (15) 1995, p. 73-91.

_____. **A Nova Atlântida de Spix e Martius:** Natureza e Civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec, 1997

MEIRELLES FILHO, João. **Grandes Expedições á Amazônia Brasileira 1500-1930.** São Paulo: Meta Livros, 2009.

MONTEIRO, Paula. **Deus na Aldeia:** missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: editora Globo, 2006.

NAXARA, Maria Regina Capelari. **Cientificismo e Sensibilidade Romantica:** Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: Editora UNB, 2004.

NERY, Baron de Santa-Anna. **Le pays des Amazones,** L’el dorado, Les terres a Caoutchouc. Paris: Livraria Guillaumin et Cia, 1899.

ORTON, James. **The andes and the Amazon.** New York: Harper & Brothers, Publishers, 1870.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. **Obras Completas de Domingos Soares Ferreira Penna.** Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

SMITH, Herbert H. **Brazil the Amazons and the Coast**. New York: Charles Scribner's Sons, 1879.

SPIX, Joh, Bapt. Von; MARTIUS, C. F. P. von. **Viagem pelo Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1981.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Notas de Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

WARREN, John Esaias. **Pará or Scenes and Adventures on the Banks of the Amazon**. New York: G. P. Putnam, 1851.